

IDENTIDADE NACIONAL LATINO-AMERICANA NA ESCRITURA DE SYLVIA IPARRAGUIRRE

Latin American national identity in Sylvia Iparraguirre's writing

Ana Lúcia Moreira Rios

Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Paraná. Professora do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas.

E-mail: analuciamoreirarios@gmail.com

ORCID iD: 0009-0007-8640-2260

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão sobre as formas estéticas latino-americanas, mais especificamente sobre a formação das identidades nacionais transformadas no interior das narrativas, por meio da escritura de Sylvia Iparraguirre no romance *Terra do Fogo* (2001). A justificativa se dá em consequência dos processos de descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar social quanto cultural e dos processos de hibridismo. O estudo pretende caracterizar a identidade do sujeito latino-americano em meio à diversidade cultural, compreender como os indivíduos são formados subjetivamente através das relações sociais e demonstrar o processo pelo qual as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação narrativa. Em sentido de pertença, a identidade subjetiva do sujeito articula-se diante de uma realidade histórica e social. Para atender aos objetivos propostos, foi preciso compreender o conceito de América Latina, uma vez que esta se apresenta como uma construção múltipla, plural, móvel e variável, decorrente dos processos de colonização e miscigenação, bem como aprofundar os conceitos de transculturação e aculturação. Isto posto, adotou-se a metodologia de caráter qualitativo e bibliográfico, com resultados ancorados em narrativas de natureza exploratória, cujas bases teóricas estão fundamentadas em Hall (2011), Coutinho (2003a), Mignolo (2005), Cardoso (2008), entre outros, a fim de auxiliar no exercício crítico sobre o tema em estudo.

Palavras-chave: Narrativas latino-americanas; hibridismo; identidade; América Latina.

ABSTRACT: This article presents a discussion on Latin American aesthetic forms, more specifically on the formation of national identities transformed within the narratives, through the writing of Sylvia Iparraguirre (2001) in the novel *Land of Fire*. The justification occurs as a result of the processes of decentering individuals, both their social and cultural place and the processes of hybridity. The study aims to characterize the identity of the Latin American subject in the midst of cultural diversity, understand how individuals are subjectively formed through social relations and demonstrate the process through which national identities are formed and transformed within the narrative representation. In a sense of belonging, the subject's subjective identity is articulated in the face of a historical and social reality. To meet the proposed objectives, it was necessary to understand the concept of Latin America, since it

presents itself as a multiple, plural, mobile and variable construction, resulting from the processes of colonization and miscegenation, as well as deepen the concepts of transculturation and acculturation. That said, a qualitative and bibliographic methodology was adopted, with results anchored in narratives of an exploratory nature, whose theoretical bases are based on Hall (2011), Coutinho (2003), Mignolo (2005), Cardoso (2008), among others, in order to assist in the critical exercise on the topic under study.

Keywords: Latin American narratives; hybridity; identity; Latin America.

1 Introdução

As discussões sobre as formas estéticas latino-americanas no que tange às questões de identidade e memória apresentam-se em campos bastante complexos, principalmente quando os aspectos de identidade remetem à ideia de pertencimento a culturas, conforme nos explicita Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011). É sobre esse pertencimento cultural étnico e nacional que propomos investigar neste artigo através da escritura de Sylvia Iparraguirre em seu romance ficcional *A Terra do Fogo* (2001).

Formada em Letras pela Universidade de Buenos Aires, Sylvia Iparraguirre juntou sua paixão pela literatura de aventuras e de viagens do século XIX à pesquisa histórica para, através da ficção, retratar a tragédia que marcou o confronto entre nativos e conquistadores nos confins do continente, mais especificamente nos pampas e na Terra do Fogo, e que ficou esquecida pela história. O romance em questão apresenta a envolvente história da personagem John William Guevara, filho bastardo de um inglês com uma nativa argentina, que busca encontrar sua identidade entre idas e vindas da memória.

Segundo Hall (2011, p. 9), o duplo deslocamento do sujeito se dá “pela descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. Ainda, segundo o autor, a identidade do sujeito sociológico é formada na interação entre o eu e a sociedade. Essa interação não é possível observar no sujeito apresentado por Sylvia Iparraguirre porque encontra-se em conflito consigo mesmo por não sentir pertença nem a uma nacionalidade nem a outra, conflito comum apresentado pelo sujeito pós-moderno, cuja identidade não se mostra fixa, ao contrário, é uma identidade formada e transformada continuamente nos sistemas culturais pelos quais somos interpelados ou representados.

Os estudos comparados em literatura latino-americana têm mostrado um enfoque, a partir de uma perspectiva própria, calcada na realidade do continente, conforme apontado por Eduardo F. Coutinho (2003a, p.39), “têm desempenhado papel de relevo no processo de releitura crítica da cultura latino-americana”, isenta das distorções tradicionais do conceito de literatura maior, apresentando como ponto de referência o *corpus* literário do continente.

Nessa busca por uma identidade latino-americana, a ensaística do continente mostra uma produção marcada por duas ideias: a mestiçagem e o multiculturalismo. Neste sentido, entender o conceito de América Latina se faz necessário para compreender como a questão de identidade e memória se constrói nesse universo múltiplo. Coutinho (2003b, p. 42) ressalta que “a América Latina é uma construção múltipla, plural, móvel e variável”, marcada por grande diversidade, mas reconhecida por suas significações históricas e culturais comuns.

Desta forma, o presente estudo pretende demonstrar como a identidade do sujeito latino-americano se constrói em meio à diversidade cultural; compreender como os indivíduos são formados subjetivamente através das relações sociais e demonstrar como as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação.

Os estudos aqui apresentados são resultados de uma pesquisa de caráter descritivo, qualitativo e bibliográfico, com resultados ancorados em narrativas de natureza exploratória, propiciando bases teóricas para auxiliar no exercício reflexivo e crítico sobre o tema em estudo.

2 A identidade do sujeito latino-americano

O conceito de América nasceu da interseção da visão cristã, da economia crescente capitalista e das reações decoloniais dos povos indígenas que primeiro tentaram expulsar os invasores (colonizadores) e, na sequência, no intuito de preservar a própria língua, crenças e modos de vida social (Mignolo, 2005). As nítidas relações de poder que conformaram as organizações sociais ditaram os rumos culturais e históricos, assim como a construção do sentimento de pertença às novas terras, em uma interação complexa entre vínculos históricos, tradições compartilhadas e relações tecidas com o dito Novo Mundo faz surgir a temática de uma identidade latino-americana, enfatizada por descendentes europeus (*criollos*).

Mignolo destaca que a observação da história colonial desses povos ajuda-nos a compreender a coexistência e o conflito de interpretações sobre os mais diversos paradigmas. Segundo o autor, a década de 1950

apresenta a expressão de muitos intelectuais da América do Sul e Caribe, com interesses subcontinentais para as identidades nacionais e subcontinentais, elaborando uma teoria do que convencionou-se chamar “invenção da América” (Mignolo, 2005, p. 69) e que tem se apresentado e questionado como a fundação imperial da latinidade. Assim, “a falta de un término mejor, ‘América Latina’ siguió utilizándose no solo como una entidad definida por académicos europeos sino como el reflejo de una toma de conciencia crítica de decolonización” (Mignolo, 2005, p. 69).

A identidade, como posicionamento subjetivo do ser humano, articula-se diante de uma realidade histórica e social que o leva a sentimentos de partilha de conteúdos simbólico-afetivos com outros indivíduos no sentido de pertença. Assim, entende-se a identidade como uma configuração psíquica, de dimensão social e individual articuladas dialeticamente. Para emergir como identidade, as identificações realizadas pelo sujeito na cultura e nos grupos perpassam por relações de poder e, os significados atribuídos são relevantes para o sujeito que realiza escolhas identitárias, conforme salienta Díaz-Genis (2004). Sentir-se vinculado a um grupo, significa estar submetido ao simbolismo e aos valores atribuídos a esse grupo, simbólica e afetivamente.

No romance de Sylvia Iparraguirre, é possível perceber a ausência desse pertencimento pelo personagem John William Guevara quando, ao receber uma carta, indigna-se diante do termo “desditado indígena” e sente-se mal.

A carta causa-me um mal-estar crescente. Qual era a versão exigida do ‘desditado indígena’, daquele homem chamado Jemmy Button pelos ingleses, mas cujo verdadeiro nome, seu nome iamana, quase ninguém conhecia? O índio de

cartola e pômulos reluzentes sob a cartola, vestido de levita, espécie de cocheiro atarracado e grotesco, um Button submisso e sorridente, jogando moedas para o alto sobre os imundos paralelepípedos de Londres? Ou o selvagem do cabo Horn, nu sob a chuvinha gelada, o corpo fedendo a banha de foca, a risca do cabelo informe e a cara lambuzada de negro? [...] (Iparraguirre, 2001, p. 15).

Percebe-se no fragmento que esse sujeito latino-americano procurou forjar-se a si mesmo, revelando-se uma réplica imperfeita, tendo por base o ideal de ser ocidental. Está claro também que, historicamente, essa identidade latino-americana apresenta-se impregnada de conotações negativas e que é também formada de distintas alteridades: o branco europeu, o indígena, o negro que, segundo Canclini (2008), constituem a cultura latino-americana como cultura híbrida.

Isto posto, ressaltamos a ideia de que falar em identidade latino-americana pressupõe falar em pluralidade, como compartilhamento de sentimento de pertença a uma América Latina que será sempre diversa.

3 A identidade do sujeito latino-americano e a diversidade cultural

Ao refletir o mundo em busca do que é o homem, a literatura transforma-se em um espaço discursivo de manifestação do hibridismo. Para Bhabha (2013), o problema da identidade em contextos pós-coloniais retorna como questionamento do espaço da representação onde a imagem é confrontada por seu Outro. Cardoso apresenta o hibridismo como um fenômeno cultural decorrente da evolução civilizatória, que pode ser percebida pela transculturação, aculturação ou neoculturação. Segundo o autor, “o hibridismo

é o testemunho mais nítido de que, mesmo esforçando-se por preservar formas culturais autóctones, o homem está aberto a novas maneiras de interagir culturalmente” (Cardoso, 2008, p.79-90).

Para Pierre Bourdieu (1989, p.11) “a cultura que une (intermédio da comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas)”. Isto posto, muitos discursos latino-americanos de identidade enfatizam a mestiçagem e a hibridização como base de uma nova consciência nacional. As diferenças culturais são produzidas pela fronteira e, conseqüentemente, pelas relações de forças simbólicas que as envolvem. No discurso cultural, os dominados não têm outra escolha a não ser aceitar a definição dominante da sua identidade.

Castells (1999) define identidade cultural às formas originárias de um caráter sociológico: a identidade legitimadora – introduzida pelas instituições dominantes; a identidade de resistência – criada pelos atores sociais; a identidade de projeto – visam à transformação da estrutura social e redefinem a identidade. Esta última, para Barzotto (*apud* Bonicci, 2009), gera a resistência coletiva.

Bhabha (2013) enfatiza que as diferenças culturais têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosas e podem confundir as definições de tradição e modernidade. No sentido de recuperar histórias reprimidas, os povos subordinados têm de reafirmar suas tradições culturais nativas e recuperar as histórias que foram reprimidas pelo dominador.

Para Canclini (2008), as formas de hibridação são culturas de fronteiras que perdem a

relação exclusiva com território e faz repensar os vínculos entre cultura e poder. A América Latina apresenta um processo de miscigenação em que o índio, o africano e o europeu se mostram categorias amplas e genéricas, mas que escondem diferenças de ordem étnica e cultural fundamentais para a compreensão da identidade (Coutinho, 2003). Segundo ressalta Coutinho (2003, p. 53-54),

[...] é mister frisar que o termo ‘índio’ constitui uma categoria do discurso colonial, que identifica numa só massa informe e, com propósitos claramente dominadores, uma vasta gama de povos e culturas por vezes extremamente distintos, que se estendem desde os maias, incas e astecas, até pequenos grupos nômades [...].

O autor destaca ainda que todos esses povos passaram por choques culturais cujas marcas não podem ser ignoradas no processo de miscigenação. Desta forma, salientamos que na escrita de Sylvia Iparraguirre é possível notar na descrição das passagens e dos ambientes históricos a necessidade de elaborar estratégias legitimadoras de emancipação literária.

Entre os 64 e 70 graus de longitude oeste do meridiano de Greenwich e os paralelos 52 e 56 de latitude sul, estende-se o último fragmento da América do Sul: a Terra do Fogo, a *Terra Incognita Australis*, aberta, de tal modo esgalhada em ilhas e canais intermináveis, que se um homem se postasse na costa norte do estreito de Magalhães voltado para o sul, teria à sua frente, em linha reta e a uns poucos quilômetros, o ponto extremo desse conjunto de ilhas mais austrais do continente, o cabo Horn, onde se juntam furiosamente os oceanos; para trás, o homem teria nas costas as Américas do Sul, Central e do Norte, com seus trópicos, seu equador, com todos os seus rios, selvas e montanhas, até o Alasca (Iparraguirre, 2001, p. 19-20).

A descrição minuciosa com que a autora apresenta a região, demonstra essa necessidade legitimadora de emancipação literária. Rafael Gutiérrez (2015) em seu ensaio “Formas híbridas na literatura Latino-americana” apresenta algumas características que nos ajudam a compreender melhor o estatuto do escritor latino-americano em contextos de diversidade cultural. Gutiérrez ressalta que as marcas do real evidenciam o estatuto ficcional da narrativa para desestabilizá-lo. Essa forma híbrida de apresentar marcas do real à narrativa ficcional pode ser evidenciada nos fragmentos de Sylvia Iparraguirre. Vejamos no fragmento a seguir a ilustração:

Durante muitos anos vivi nos fatos, dentro da História. Agora estou à margem, e posso decifrar os acontecimentos do passado como se decifra uma escrita. Não defendo nenhuma posição; **meus compatriotas literalmente dão-me as costas, embarcados numa guerra que não me pertence e que condeno.** Ninguém olha para o sul. Neste sentido sinto-me só e estrangeiro[...] (Iparraguirre, 2001, p. 29) (Grifos nossos).

Percebe-se, no fragmento, que a narrativa da personagem Guevara aponta para contextos de poder para os quais vê a necessidade de relatar os fatos com os quais não concorda. Os compatriotas mencionados são referência ao europeu que buscava a colonização da região da Patagônia. Descendente de inglês e mãe nativa indígena, Guevara não concorda com a guerra covarde do dominador em busca da conquista territorial e por isso escreve em tom de desabafo e denúncia.

Em outro momento, Iparraguirre apresenta, por meio da narrativa de Guevara, a desestabilização do estatuto ficcional, questionando ao endereçado Mr. MacDowell

em que língua os relatos deveriam ser descritos. Vejamos o fragmento:

Passei dias sem escrever. Se volto a fazê-lo, é porque afastei definitivamente uma pergunta que, uma vez começado este relato, ou como quer que se o chame, saltou sobre mim como um cão sobre sua presa. Em que língua estas palavras deveriam ser escritas? A daqui, posso dizer, a minha, ou a da carta, quer dizer, a dos senhores? **Como é evidente, escolhi a minha para levar a cabo este ato insensato, cuja própria insensatez me obriga a cumpri-lo. Ou talvez porque toda história deva ter seu escriba e eu já não queira contar o que o senhor me pede, mas o que eu quero,** como se de algum modo misterioso sua carta abrisse uma comporta atrás da qual tudo o que vivi houvesse estado à espera de uma oportunidade como esta (Iparraguirre, 2001, p. 31) (Grifos nossos).

Percebe-se, pelos grifos, como a escrita de Iparraguirre grita para uma legitimidade autoral que transpõe o estatuto ficcional. A decisão apresentada pela personagem Guevara em escrever na própria língua sinaliza a desarticulação das identidades estáveis do passado e promove novos sujeitos (Hall, 2011), além disso, a afirmação de que vai escrever o que quer e não o que o outro queira que escreva mostra a desestabilização de um sistema autoral e produz a consciência da condição de constructos de novos conceitos, desmascarando a perspectiva ideológica que esteve/está presente em diversas literaturas latino-americanas (Coutinho, 2003).

Portanto, fica evidente que, a decisão de Guevara em escrever na própria língua, aponta para o descentramento do sujeito ao produzir significados que estão centrados nos sistemas culturais aos quais está envolvido. Conforme apontado por Hall (2011, p. 41), “as palavras são ‘multimoduladas’. Elas sempre carregam

ecos de outros significados que elas colocam em movimento [...]”. Destarte, a afirmação de Guevara ao final do fragmento, sobre a oportunidade que se abre, reafirma a consciência de uma legitimidade que se espera nas produções literárias latino-americanas.

4 Identidade nacional transformada no interior da representação

A cultura é elemento fundamental para compreender os aspectos de uma sociedade ou nação. É ela quem caracteriza um povo, seja pela história, pelas artes, pela oralidade contida em suas narrativas.

Cardoso (2008, s/p.) ressalta que “a identidade cultural entre diferentes nações se submete a parâmetros históricos particulares de cada povo”. Assim, caracterizar a identidade nacional das narrativas latino-americanas requer reconhecer os processos de aculturação a que esses povos se submeteram e, a partir desses processos identificar aspectos heterogêneos que ajudaram a formar uma identidade própria.

Um desses aspectos é a autoconsciência narrativa, o processo criativo que transparece no interior das obras, gerados pelo hibridismo, e que apresentam elementos ainda mais importantes, como produzir efeitos de realidade no interior dos textos. Sobre esse processo, Coutinho (2003b) destaca que a ideia de hibridiz gerada pela ideologia da mestiçagem procura conceituar o continente da América Latina como o resultado do cruzamento de influências heterogêneas em constante processo de mudança. Coutinho (2003b, p. 52) enfatiza que

As teses da heterogeneidade cultural, dentre as quais as recém-mencionadas, trazem contribuições importantes para uma revisão do discurso de identidade latino-americana e conseqüentemente para os estudos de Literatura Comparada desenvolvidos no continente. Ao mostrar que o conceito europeu de ‘nação’ e seu correlato ‘literaturas nacionais’ não podem ser aplicados no contexto latino-americano, pelo seu cunho de homogeneidade que vem de encontro ao campo vasto e heteróclito das literaturas do continente[...].

Isto porque a literatura latino-americana se constitui de produções de diversas nações que compõem esse universo, do eurocentrismo, proferindo discursos de poder, às mais diferentes formas de resistência. Nos dizeres de Coutinho (2003b), a produção literária eleita pelo discurso oficial passa a conviver com outras vozes, antes silenciadas pelas esferas do poder.

Muitas vezes, é conferida à identidade nacional o estatuto cultural para sua projeção no cenário internacional. Conforme descrito por Coutinho (2003c, p. 60), “a ‘literatura nacional’ nunca constituirá um conceito homogêneo, mas, ao contrário, será sempre uma construção em aberto, com facetas múltiplas e diversas, variando de acordo com as necessidades de afirmação e autodefinição de cada momento”.

Neste sentido, o traço mais relevante dos estudos latino-americanos é a representação da diversidade. Não há de se preocupar com a literatura nacional, mas com a construção de uma literatura que possa representar o que é nacional ou de que esse nacional é composto, como a etnia, religião, língua.

Cardoso (2008) ressalta que a América Latina, palco de uma acentuada mestiçagem cultural, favorece para aspectos como autoconsciência narrativa e discussão do próprio processo

criativo no interior das obras, destarte, a mestiçagem apresenta-se como elemento das formas híbridas, produzindo efeitos de realidade no interior das obras. O espaço em que forças distintas mediram forças, aniquilaram-se ou sobrepujaram uma à outra, contribuiu para que se firmasse um modelo de manifestação cultural.

Stuart Hall (2011) ressalta que, na modernidade, a identidade cultural é constituída pelas culturas nacionais. Embora não fazem parte biologicamente da constituição do sujeito, elas moldam os mesmos como parte da natureza essencial. Segundo Hall (2011, p. 49), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Ao produzir sentidos sobre os quais podemos nos identificar com o grupo a que fazemos parte, as culturas nacionais constroem identidades.

Hall (2011) ainda destaca cinco elementos que considera para a definição de cultura nacional: a narrativa da nação – que apresenta histórias, imagens, símbolos, rituais que dão sentido à nação; ênfase nas origens, na tradição – a identidade nacional é primordial; a tradição inventada – conjunto de práticas que visam inculcar nos indivíduos valores e normas através da repetição; o mito fundacional – localiza a origem do povo, da nação num passado distante, de um tempo mítico; ideia de um povo puro, original.

Para Hall (2011), a unificação dos sujeitos em uma identidade cultural é descabível, pois uma cultura nacional é também uma estrutura de poder cultural e como tal, é constituída de culturas separadas, é composta por classes sociais e grupos étnicos diferentes, por isso, não poderia ser unificada, no entanto, continuam sendo representadas como

unificadas. Para o autor, as identidades localizam-se em espaço e tempo simbólicos. “As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma *particularista* vínculo ou pertencimento” (Hall, 2011, p. 76).

A fim de ilustrar o que foi discutido até aqui, vê-se na sequência dos fragmentos abaixo, a escolha cuidadosa da escritora Sylvia Iparraguirre para apresentar como a identidade nacional se constitui a partir de alguns dos elementos citados por Hall.

- 1) Narrativa da nação – no fragmento abaixo, verificam-se alguns símbolos, como o mar, que dão sentido à nação para a qual a personagem se apresenta como pertencente:

Dizer quem sou significa falar do **mar**. Muitos anos antes de vê-lo, eu soube que o mar estava em **meu destino**, como estava no destino do protagonista do livro com o qual **William Scott Mallory, meu pai**, ensinou-me a ler. O mar, sua voz e **o idioma inglês** se juntam indiscernivelmente nos primeiros anos de minha vida. De minha vida mental, direi assim. Em meu primeiro **apego, no vento, nos cavalos e na planície** estão minha mãe, Lucía de Guevara, e a **língua espanhola** (Iparraguirre, 2001, p. 35) (Grifos nossos).

Os grifos denotam os elementos de pertencimento aos quais o narrador se identifica como pertencente a uma nacionalidade: o mar, destino, o nome próprio, o pai, a língua – caracterizando a distância ou o meio em que se localiza o espaço territorial da Inglaterra, nação de origem do pai. O apego (sinal de pertencimento adotado pelo narrador), o vento, cavalos, planície e a língua

materna – espanhol - denotando a América Latina.

2) Ênfase nas origens – a identidade nacional é primordial neste contexto.

Seja como for, andei **retardando** o momento de escrever **meu nome**. Meu nome é um **híbrido**. Não posso deixar de sentir a violência que sua introdução exercerá sobre o que escrevo.

Meu sobrenome é o **materno**: Guevara. Os nomes de batismo correram por conta de meu pai: John William, que ele simplificava para Jack. É curiosa, admito, a insistência de meu pai para que meus nomes fossem **ingleses**, quando não lhe importou que meu sobrenome ficasse a cargo de minha mãe, com a qual jamais se casou. Considero esse fato outro indício de seu essencial **desenraizamento**, de sua enigmática vocação para **não pertencer a lugar algum**, não deixar **herdeiro** ou sobrenome (Iparraguirre, 2001, p. 35) (Grifos nossos).

A ênfase dada ao termo “retardando” implica o descontentamento do narrador sobre suas origens. O fato está na condição que ele mesmo afirma em ser híbrido. Essa condição desencadeia no narrador a consciência de que ao mesmo tempo é e não é pertencente a lugar algum. Não se considera inglês por origem, preferiria ser latino somente, e isto se concretiza na explicação que dá para a constituição de sua identidade. O pai queria que tivesse nome inglês, certamente pelo status que este lhe daria e para inculcar valores e normas através da repetição (tradição inventada), por outro lado, na visão do narrador, o pai era desenraizado, ou seja, não se importava com as circunstâncias.

3) O mito fundacional – localiza a origem do povo, da nação.

No trecho “O mar, sua voz e o **idioma inglês** se juntam indiscernivelmente nos primeiros anos de minha vida” (Iparraguirre, 2001, p. 35) apresenta essa ideia do mito fundacional como elemento de formação identitária.

Mais adiante, o narrador descreve: “Um marinheiro escolhe sua pátria, e eu escolhi esta. Se senti estrangeirismo em algum momento de meu passado não foi por mim, mas por Mallory” (Iparraguirre, 2001, p. 38).

Interessante notar também que na escritura de autores que buscam uma identidade nacional, mesclam-se à narrativa, palavras de origem indígena. Iparraguirre (2001, p. 44) apresenta uma dessas palavras: “O senhor sabe onde vivem os iamanas¹? Viu um *wigwan*² entre a praia e a mata, grudado nos rochedos sob as tempestades? Sabe ao menos o que é um *wigwan*? Porque houve outra coisa, algo mais interessante que devo dizer-lhe”.

Em outro trecho, destaca: “Há três anos eu entrei no grande *wigwan*. No *ciexaus*³, mulheres e homens muito jovens aprendem: o corpo jejua muitos dias, a cabeça manda no corpo. Resistência, obediência. [...] (Iparraguirre, 2001, p. 124). Neste trecho, além das expressões indígenas, características da região da Terra do Fogo, ainda há a apresentação de aspectos culturais que denotam a identidade nacional.

Portanto, ao resgatar elementos que caracterizam hábitos culturais, linguagem, subjetividade, identidade, vínculos a lugares,

¹ Povo indígena sul-americano, ocupantes tradicionais da costa sul da Terra do Fogo e as ilhas vizinhas ao sul do cabo Horn.

² Espécie de tenda, cabana coberta de peles.

³ Ritual espiritual de transição.

eventos (rituais), símbolos, histórias particulares – como a descrita pela personagem Guevara, demonstra-se como as identidades nacionais são constituídas no interior das narrativas ficcionais.

5 Considerações finais

Os processos civilizatórios sempre fizeram com que culturas fossem esmagadas pelas relações de poder. Compreender como a identidade nacional, em especial, a identidade latino-americana se constrói em meio à diversidade cultural tem sido um grande desafio a escritores, artistas e estudiosos da literatura.

Os processos de transculturação e aculturação, originários das situações que emergem na sociedade moderna, convergem para um hibridismo cultural e ajudam a compreender os processos culturais que se processam no interior de cada nação. Enquanto a aculturação apresenta uma cultura absorvida por outra, a transculturação apresenta a formação de uma nova cultura a partir da tradicional.

Através da utilização inventiva da linguagem, dos modos de expressão a literatura apresenta formas narrativas e temas próprios em uma operação transcultural que supera os impasses promovidos pelo colonialismo. O hibridismo, fruto da evolução da civilização, em especial na literatura, é o exemplo máximo para a preservação e consolidação das formas culturais autóctones.

Isto posto, ao buscar como o sujeito latino-americano se constitui em meio à diversidade, percebe-se que este se articula diante de uma realidade histórica e social que o leva a sentimentos de conteúdos simbólico-afetivos

com outros indivíduos no sentido de pertença, configurando uma identidade psíquica, de dimensão social e individual articuladas dialeticamente e que perpassa as relações de poder.

Para compreender como os indivíduos são formados subjetivamente através das relações sociais, é necessário transpor o estatuto ficcional, de elaborar estratégias legitimadoras de emancipação literária. A desarticulação de identidades estáveis do passado, promove novos sujeitos e a desestabilização de um sistema autoral produz a consciência da condição de constructos de novos conceitos, que desmascara a perspectiva ideológica que se faz presente em diversas literaturas latino-americanas.

As identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Portanto, o traço mais relevante dos estudos latino-americanos é a representação da diversidade, constituída por meio de uma literatura que possa representar não somente com o que é nacional, mas de que esse nacional é composto, como a etnia, religião, língua.

Ao relacionar os estudos culturais à escritura de Sylvia Iparraguirre, fica evidente como a literatura latino-americana não se constrói de um elemento apenas, mas de um conjunto de elementos culturais que promovem a identidade nacional.

Referências

BARZOTTO, Leoné Astride. Violência e resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique. In: BONICCI, Thomas (Org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009, p. 305-336.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2. Ed. Belo horizonte: Editora UFMG, 2013.

BONICCI, Thomas (Org.) **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

CARDOSO, João Batista. Hibridismo Cultural na América Latina. **Itinerários**. Araraquara, n. 27, p.79-90, jul./dez. São Paulo: UNESP, 2008. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/artic le/view/1127>. Acesso em 20/02/2025.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade / **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Trad. Klauss Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura Comparada na América Latina: Ensaio. *In: Literatura Comparada na América Latina: do etnocentrismo ao diálogo de culturas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003a, p. 31-40.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura Comparada na América Latina: Ensaio. *In: Mestiçagem e multiculturalismo na construção da Identidade cultural latino-americana*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003b, p. 41-57.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura Comparada na América Latina: Ensaio. *In: A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003c, p. 59-68.

DÍAZ-GENIS, A. **La construccion de la identidad en América Latina**. Montevideu: Nordan-Comunidad, 2004.

GUTIÉRREZ, Rafael. Formas híbridas na literatura latino-americana. **Revista Landa**. Vol.3, n.2, Santa

Catarina: UFSC, 2015, p. 94-115. Disponível em <https://revistalanda.ufsc.br/PDFs/vol3n2/6.%20CHAMADA%20-%20Rafael%20Guti%C3%A9rrez.pdf> Acesso em 21/02/2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. 1. Reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IPARRAGUIRRE, Sylvia. **A Terra do Fogo**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial**. Trad. Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2005.